

Como será amanhã? Responda quem puder...¹

Ignácio Alves Paim Filho²
Daniela Appio Varaschin³
Júlia Schneider Protas⁴
Larissa Ullrich⁵
Luciana Nunes de Nunes⁶
Paula Frizzo Fontana⁷
Tânia Nara Carvalhal Israel⁸

Resumo: Neste ensaio, resgatamos os conceitos de Freud sobre o narcisismo, a pulsão de vida e de morte para pensarmos nas consequências do isolamento social resultantes da pandemia decorrente do coronavírus, que assolou as nações neste ano de 2020. Estabeleceu-se um jogo de encontros e desencontros desde a virtualidade do mundo real à virtualidade do mundo virtual, ocasionando um estado de recolhimento narcísico. Para alguns, esse estado de desamparo e solidão tornou-se criativo; para outros, despertou revivências melancólicas, que transitam desde a desesperança até o negacionismo. Trabalhamos a importância

¹ Este ensaio foi apresentado como tema livre na I Jornada Científica on-line do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), em outubro de 2020.

² Psicanalista, membro titular e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA), membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

³ Psicanalista, membro associado do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

⁴ Psicóloga, membro associado do Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica (ESIPP).

⁵ Psicóloga, membro efetivo do Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica (ESIPP).

⁶ Psicanalista, membro associado do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

⁷ Psicanalista, formação em psicanálise pela Arche, formação em arteterapia pela Pique, membro associado do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

⁸ Psicanalista, membro associado do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), membro efetivo do Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica (ESIPP).

da pulsão de destruição como elemento determinante no rompimento dessa homeostasia narcísica recriada pela virtualidade do mundo virtual. A partir dessas ideias, questionamos se seremos capazes de abrir mão dessas gratificações autoeróticas quando do retorno à vida cotidiana. Para concluir a reflexão, interrogamos como será o amanhã da psicanálise e dos psicanalistas.

Palavras-chave: Melancolia. Pandemia. Pulsão de morte. Recolhimento narcísico. Virtualidade.

A vida é confusão
A vida vai seguir
Os homens vão sonhar
Os deuses vão sorrir
A vida é confusão
O mundo vai girar
Os deuses vão dançar
(Nico Nicolaiewsky)

Como será amanhã? Pergunta que nos interroga como analistas sobre o pós-pandemia, sobre o desejo ou não do retorno ao cotidiano de nossas vidas, dos encontros e reencontros. Cotidiano marcado por múltiplas formas de termos acesso ao outro, desde a virtualidade do mundo real até a virtualidade do mundo virtual. *A vida é confusão*. Trânsito, na maioria das vezes, fértil e interativo, que amplia as possibilidades de contato. Avançamos, por meio da comunicação, buscando presentificar o que está distante geograficamente: cartas/palavra escrita, telefone/palavra falada, mensagens eletrônicas/imediatismo das respostas e, por fim, o encontro da imagem com a palavra – tempo e espaço são relativizados. Esse cenário redesenha a geografia. O perto e o longe ganham novos sentidos, proporcionais às facilidades do encontro virtual com o outro. *O mundo vai girar*. Convites narcísicos vão ganhando corpo e, talvez, alma. Anuncia-se um estranho futuro, em que o tempo e o espaço perdem sua tridimensionalidade em prol de uma bidimensionalidade – conquistas compatíveis com a aquisição da nossa almejada imortalidade: crença quase absoluta de que o céu não é o limite. *Os deuses vão dançar*.

Todas essas possibilidades de comunicação interagem, até “ontem”, de modo não exclusivo – com idas e vindas, ora num sentido, ora no sentido inverso, pois seguíamos tendo, com algumas vacilações, o desejo de ter contato com o outro no virtual do real. A magia do inusitado desse encontro, ou reencontro, nos seduzia. Nossa sensorialidade buscava a satisfação: o corpo a corpo com

nossos semelhantes como fonte primordial para o reviver da experiência de satisfação. O desejo trabalhando para sua efetivação, numa lógica amparada na maior possibilidade de suportar a dor e o prazer que a marca da alteridade pode viabilizar.

Entretanto, em um dia não tão belo, acordamos e estamos confinados. O mundo (re)anuncia a fragilidade dos nossos corpos, a relação com o outro, a força da natureza e de um pulsional inconquistável (Freud, 1930/1989b). O “hoje” adquire um tom sombrio, temos a reconfirmação de que não somos senhores em nossa própria casa. Esse palco, marcado por um ineditismo, convocou-nos a nos realojarmos no continente narcísico e a desenvolvermos defesas diante do outro com sua potencial letalidade. Sendo assim, o mundo da virtualidade do virtual, de coadjuvante, na manutenção e na ampliação dos nossos laços emocionais, passa a ser o grande protagonista. Nossa existência, bem como a existência do nosso semelhante, se materializa por intermédio, quase exclusivo, das telas e dos áudios de um sistema operacional, que julgamos estar sob nosso controle, literalmente ao alcance da nossa mão. Qualquer evocação ao autoerótico é mera coincidência? Se assim o for, quais respostas podemos esboçar para o nosso amanhã? Deixemos essa intrigante questão, por um tempo, irresoluta.

O risco de contágio pelo coronavírus colocou em evidência o horror e o fantasma da morte: o desgarrado da pulsão de morte se presentifica. O medo de sermos contaminados, a ameaça à própria vida e o temor da perda de nossos entes queridos nos colocou em “quarentena”. Confinados em casa, aderimos à orientação de isolamento social, em virtude do reconhecimento dos limites dos nossos corpos, exceto aqueles que, tomados por crenças onipotentes e pelo mecanismo da negação, seguiram nas ruas. Tornou-se necessário nos recolhermos e nos reabastecermos para dar conta de tão imperiosa ameaça. Mas se um convite ao recolhimento narcísico já pode ser tentador, esse temor ao contato com o outro pode acabar traduzindo contágio viral por contágio psíquico, contribuindo para assumir essas diferentes nuances da forma de encontro não presencial com o outro.

Esse confinamento teve na sociedade um grande impacto, do ponto de vista social, econômico e psicológico. Fomos jogados de forma súbita para dentro de nossas casas, e a ideia de tempo, de ritmo, tão caras à psicanálise, foram violadas, resultando em um efeito traumático, que interroga a possibilidade de elaboração desta nova realidade. Substituímos o presencial pelas telas, na ilusão e, quem sabe, na esperança de que esse contato não tão real viesse a suprir e acolher as angústias que, em outras épocas, possuíam um outro destino. As

telas, que protegem do contágio, também protegem do contato, tornando o nosso Eu refém de um estado narcísico, que está sendo desafiado a encontrar espaços de significação e ressignificação.

Nesse sentido, para alguns, o isolamento trouxe a sensação de estar aprisionado ou até exilado, mobilizando sentimentos de angústia, medo, tristeza e melancolia. Um estado de urgência que emerge frente ao desamparo, revelando o sentimento de solidão nostálgica. Para outros, a solidão despertou uma faceta transformadora, implicada no trabalho do luto: condição necessária para o vir a ser do processo criativo. Reinventar a vida apesar do inevitável da morte.

Qual a contribuição do pensar psicanalítico sobre a solidão que vai do distanciamento, passando pelo isolamento, até chegar ao confinamento? Podemos pensá-la como movimentos da libido em direção ao investimento narcísico. Se as redes sociais garantem a nossa comunicação com o outro, é inegável que essa comunicação seja mediada por imagens e por uma crença quase absoluta no controle, do que liga ou desliga, que não são vias disponíveis nos encontros presenciais. Estaremos dispostos a abandonar esse reduto narcísico? A princípio, não! Afinal, nunca renunciamos a uma fonte de satisfação, apenas negociamos.

Entretanto, Freud adverte que o represamento da libido no Eu seria sentido como desprazeroso. Tal acontecimento se dá em função da impossibilidade do investimento no outro como objeto do desejo. Seguindo esse trajeto, o autor nos fala da importância da libido escoar em direção aos objetos do mundo externo: “. . . um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar” (Freud, 1914/2004, p. 106). Corremos o risco de nos vermos seduzidos pelas promessas de gratificação mais imediatas, abdicando de uma via de mão dupla, da capacidade de ir e vir, de se reabastecer e reinvestir, que tanto enriquece a vida psíquica. Esse contexto nos evoca a relevância da pulsão de destruição como elemento impulsionador da libido em direção à virtualidade dos objetos do mundo real. *A vida é confusão.*

É possível que esse amanhã seja viável apenas dentro de um ideal inalcançável de assepsia, revelando o terror ao contato com o outro. Esse outro que agora ocupa o lugar predominante de oponente, mensageiro da morte, revelador da finitude, torna-se hospedeiro de nossa hostilidade ao revelar o desamparo que nos assombra. Num encontro virtual, com amor e ódio em suas intensidades, estamos supostamente protegidos, vivenciando uma relação à distância.

Contudo, como nossa vida pulsional segue demandando labor psíquico, contamos com a força impelente da pulsão de destruição, com sua capacidade de desacomodar a homeostasia narcísica. Essa que tem a potencialidade de trabalhar em prol de Eros, na medida em que promove seu redirecionamento para o mundo externo (Freud, 1923/1989a). *Os homens vão sonhar.*

Como será amanhã? A tonalidade mais ou menos esperançosa de nossa resposta talvez esteja muito além das descobertas científicas que, possivelmente, trarão algum tratamento eficaz ou vacinas que nos tornarão imunes ao vírus que nos assola, mas não aos seus desdobramentos psíquicos. Afinal, o que está sendo tragicamente vivido durante este período de pandemia ficará inoculado em nós de forma permanente. O que não sabemos é de que forma. Pois se fomos, num primeiro momento, incomodados por esse virtual que forçosamente invadiu nossas vidas, é fato que, rapidamente, acomodamo-nos a ele, e descobrimos gratificações narcísicas que jamais nos serão ofertadas pelo encontro presencial. Acreditamos que, em breve, isso já não nos causará estranheza. *A vida vai seguir.*

Assim sendo, seguirá a psicanálise fiel ao seu compromisso de produzir inquietações diante das certezas narcísicas que nos impõe este novo cenário? Recriar fronteiras é resgatar singularidades com suas potencialidades pulsionais e/ou excluir possibilidades de ampliar a arte de tecer reencontros? *Os deuses vão sorrir?*

Responda quem puder...

What about tomorrow? Answer who can...

Abstract: In this article, narcissism, life drive and death drive are de Freud's concepts rescued to think about the consequences of the pandemic social isolation, arising from the corona vírus that devastated all nations in 2020. A game of encounters and mismatches established itself from the real world virtuality to the digital world virtuality, causing a helplessness and solitude became creative; to others, awaken melancholic reliving that transit from hopelessness to the denialism. The importance of the destruction drive is developed as a determinant element in the disruption of this narcissism homeostasis rebuilt by the digital world virtuality. From this ideas, the paper questions if we will be able to waive this autoerotic gratifications, when real world life gets back. Closing up, how will the return of psychoanalysis and the psychoanalysts be?

Keywords: Death drive. Melancholy. Narcissistic retreat. Pandemic. Virtuality.

Referências

Freud, S. (1989a). O Eu e o Id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1989b). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 30/10/2020
Aceito em: 12/11/2020

Daniela Appio Varaschin
Rua Dr. Atílio Giuriolo 21/101
95201-380 – Vacaria – RS – Brasil
E-mail: daniela@varaschinagro.com.br